

Eleições 2022 | Violência

Jefferson resiste a ordem de prisão com tiros de fuzil e granada contra policiais

— Ex-deputado efetua disparos e atira artefato contra agentes da PF que cumpriam determinação de Alexandre de Moraes, do STF; ele se entregou após horas de negociação

LEVY GASPARIAN (R.)
BRÁSILIA
SÃO PAULO

Aliado do presidente Jair Bolsonaro (PL), o ex-deputado federal Roberto Jefferson (PTB) resistiu ontem a uma ordem de prisão do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), com tiros de fuzil e granada. Ele feriu dois agentes da Polícia Federal que foram à sua residência em Levy Gasparian (RJ), onde estava em prisão domiciliar. O parlamentar se entregou à noite após horas de negociação e uma segunda ordem de prisão com recados ao ministro da Justiça, Anderson Torres.

Jefferson foi preso após xingar a ministra Cármen Lúcia de “prostituta arrombada” ao comentar uma decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) sobre direito de resposta concedido ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) contra a Jovem Pan. Lula e Bolsonaro condenaram a reação violenta e se solidarizaram com a policial Karina Miranda e o delegado Marcelo Vilela (mais informações na pág. A9). Feridos, eles passaram bem.

Os ataques de Jefferson a Cármen Lúcia foram veiculados em vídeo na noite de sexta-feira. Moraes expediu a primeira ordem de prisão no dia seguinte, e a segunda, ontem. O ministro mandou prender o ex-deputado “independente-



Carro da PF atingido por disparos efetuados por ex-deputado; uma agente e um delegado são feridos

mente do horário” em razão do flagrante da tentativa de duplo homicídio dos agentes da PF. Jefferson estava em domiciliar e sob investigação por atuação em milícia digital contra a democracia.

Moraes afirmou, ainda, que a intervenção de “qualquer autoridade em sentido contrário, para retardar ou deixar de praticar, indevidamente o ato, será considerada delito de prevaricação”. O ministro não citou nome, mas, por ordem de Bolsonaro, Torres acompanhava o caso de Juiz de Fora (MG), a 51 km do local. Jefferson o esperava na residência.

Logo após a confirmação da prisão, Moraes parabenizou os

agentes, em postagem no Twitter. “Parabéns pelo competente e profissional trabalho da Polícia Federal, orgulho de todos nós brasileiros e brasileiras. Inadmissível qualquer agressão contra os policiais”,

Alerta
A filha de Jefferson foi quem avisou, pela Internet, sobre os ataques do pai aos agentes da PF

escreveu. Já Bolsonaro foi às redes anunciar a rendição de Jefferson, a quem chamou de “criminoso” e lembrou das orientações dadas a Torres.

Ao longo do dia, curiosos e apoiadores vestidos com camisas verde-amarelas se aglomeravam na Rua Ademar Santana de Lima. Candidato derrotado no primeiro turno, Padre Kelmon (PTB), também aliado de Bolsonaro, esteve no local. Agentes do Batalhão de Operações da Polícia Militar (Bope), da PF e da Polícia Rodoviária Federal (PRF) isolaram a área. Uma ambulância do Corpo de Bombeiros permaneceu na região.

CONFUSÃO. No primeiro mandato, Moraes escreveu que houve “notórios e públicos” descumprimentos de medidas cautelares impostas a Jeffer-

son. Ele citou ainda as “ofensas e agressões abjetas” feitas a Cármen Lúcia. Responsável por detonar o escândalo do Mensalão durante o primeiro mandato de Lula, o ex-deputado se converteu nos últimos anos à extrema direita e assumiu pautas antidemocráticas.

O ataque aos policiais foi inicialmente informado pela filha de Jefferson, a ex-deputada federal Cristiane Brasil. Em um vídeo em redes sociais, ela afirmou que o pai enfrentava os agentes a bala e chamou a PF de “Gestapo do Xandão”, em referência à polícia da Alemanha nazista e a Moraes.

Um vídeo compartilhado nas redes sociais por parlamentares de direita mostra o circuito interno de segurança da casa de Jefferson. “Chega, me cansei de ser vítima de arbítrio, de abuso. Infelizmente. Eu vou enfrentá-los”, afirmou o ex-deputado. “Eu vou mostrar a vocês que o pau cantou. Eles atiraram em mim, eu atirei neles, ó”, disse, além de citar o lema que consta do plano de governo de Bolsonaro: “Deus, Pátria, família, vida e liberdade”. A PF negou que tinha disparado.

O ex-deputado deixou o local em uma escolta de três veículos da PF. De Levy Gasparian, Jefferson foi levado à sede da Superintendência da PF no Rio.

● FABIO GRELLET, JULIA AFFONSO, ANANDA PUPO, IANDER PORCELLA, RUBENS ANATER, RENATO VASCONCELOS, RAYANDESSON GUERRA, PEPTA ORTEGA, ISABELLA ALONSO PANHO E JOÃO VICTOR RODRIGUES, ESPECIAL PARA O ESTADO

Incitação de violência contra as instituições

ANÁLISE

FERNANDO CASTELO BRANCO

Qualquer estado democrático de direito agraria de forma firme e severa diante das afrontas proferidas por Roberto Jefferson nos últimos dias. A decisão do ministro Alexandre de Moraes está totalmente respaldada pela forma como os fatos foram

expressos pelo ex-deputado. Sua postura revela uma situação inaceitável e criminosa, além de representar incitação clara de violência contra as instituições democráticas, como o STF e seus ministros.

Ao definir as condições para Jefferson aguardar julgamento em prisão domiciliar, o ministro Alexandre de Moraes – relator do inquérito das fake news no Supremo –, vetou, por exemplo, o uso das redes sociais, assim como entrevistas

do investigado à imprensa. Ambas as normas estabelecidas foram descumpridas, o que, por si só, já sustentaria a ordem de prisão preventiva a ser cumprida no sistema carcerário.

O caso, no entanto, ganhou outra proporção a partir das últimas declarações. Além do agravamento provocado pelas palavras abjetas que proferiu contra a ministra Cármen Lúcia, do STF, o ex-deputado acaba de tornar-se reincidente no processo pelo qual responde, o de participar de uma militância digital contra a democracia.

Em seu despacho, Moraes cita que o investigado coloca novamente em risco a base constituinte do estado democrático de direito ao incitar contra as

instituições. E faz isso às vésperas de uma eleição e com tom belicoso. Atua como franco atirador munido dos poderes da internet com o intuito de colocar em xeque as ordens pública e social.

Reação
Situação é tão chocante que levanta a necessidade de se propor um exame de sanidade mental

Ainda vale ressaltar que, no caso da agressão contra Cármen Lúcia, o ex-deputado aumenta a base pela qual ele já é investigado, somando ao conjunto de fatos apurados os cri-

mes de injúria e difamação.

A situação é tão chocante que levanta a necessidade de se propor um exame de insanidade mental, previsto no nosso Código de Processo Penal. Jefferson demonstra ter uma índole naturalmente criminosa, acentuada com a sua reação diante da chegada de policiais federais em sua casa.

Os fatos todos falam por si. O único reparo à decisão de Moraes diz respeito à restrição estabelecida por ele para visitas de religiosos, advogados e familiares a Jefferson. A Constituição é inequívoca ao liberar essas visitas sem qualquer crivo judicial. ●

PROFESSOR DE PROCESSO PENAL NA PUC/SP

Bolsonaro agora diz que Jefferson não é seu aliado

Presidente age para se desvincular do caso, chama ex-deputado de 'bandido' e afirma que ele é ligado ao PT e a José Dirceu

AMANDA PUPO
BRASÍLIA
ADRIANA FERRAZ

O presidente Jair Bolsonaro (PL) agiu ontem para tentar se desvincular do ex-deputado Roberto Jefferson, seu aliado, após ele reagir ao mandado de prisão ferindo dois policiais federais. Ao longo do dia, o candidato à reeleição chegou a criticar a investigação, mas depois aumentou tom contra Jefferson e afirmou que "o tratamento dispensado a quem atira em policiais é o de bandido". À noite, disse que "não tem qualquer ligação" com ele e destacou que o ex-deputado, condenado no mensalão, teve relação com o PT.

Tiros interrompem ato pró-Lula com presença de governadora do RN

Tiros disparados por um homem de motocicleta interromperam uma carreta a favor da candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula

da Silva (PT) à Presidência no município de Macaíba, na Região Metropolitana de Natal, ontem à noite.

A governadora reeleita do Rio Grande do Norte, Fátima Bezerra (PT), estava presente e teve de encerrar o evento. Ninguém se feriu. A polícia investiga o ataque. ●

"É um criminoso que se comporta como oportunista agora. Roberto Jefferson e José Dirceu estavam unidos no mensalão", disse Bolsonaro em entrevista coletiva à noite, após a prisão do ex-deputado. Em 2005, Jefferson denunciou o esquema de compra de votos no Congresso, pelo qual também foi condenado.

Pouco antes da entrevista, Bolsonaro publicou um vídeo nas redes sociais no qual anunciava a prisão, prestava solidariedade aos policiais feridos e chamava o aliado de "bandi-

do". "O tratamento dispensado a quem atira em policiais é o de bandido. Presto minha solidariedade aos policiais feridos no episódio."

A campanha à reeleição tenta desvincular de Bolsonaro de Jefferson. A avaliação é que o episódio pode atrapalhar a busca por votos dos eleitores indecisos na semana da votação do segundo turno. Nesta tentativa, Bolsonaro chegou a afirmar ontem que não existia foto sua com Jefferson – o que fez com que internautas publicassem ao menos três registros de en-

contros entre os dois (mais informações na página A10).

No início da tarde, enquanto Jefferson ainda resistia ao mandado de prisão, Bolsonaro publicou mensagem no Twitter na qual repudiava as ofensas proferidas pelo ex-deputado contra a ministra Cármen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal (STF) e criticou o ataque dele aos agentes da PF.

Na mesma postagem, Bolsonaro voltou a criticar a atuação da Justiça dizendo repudiava a existência de inquéritos "sem nenhum respaldo na Constituição" e sem a atuação do Ministério Público, numa referência à investigação sobre as milícias digitais, no Supremo. "Repudio as falas do sr. Roberto Jefferson contra a Ministra Carmen Lúcia e sua ação armada contra agentes da PF, bem como a existência de inquéritos sem nenhum respaldo na Constituição e sem a atuação do MP", escreveu.

LULA. O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) afirmou ontem que nunca viu a sociedade brasileira com tanta raiva, e atribuiu este sentimento ao comportamento do adversário. Em coletiva de imprensa em São Paulo, o petista afirmou que as ofensas contra



Jefferson, em reprodução de vídeo; relato de ataque a agentes

Cármen Lúcia não podem ser aceitas por quem respeita a democracia. "Estamos há 50 anos disputando eleições neste País e nunca vimos uma aberração dessa", disse.

O presidente do Congresso, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), afirmou ontem, no Twitter, que é obrigação moral das instituições punir quem profere as ofensas tanto a Cármen Lúcia quanto à deputada federal eleita Marina Silva (RedeSP). "Puni-los e calá-los é obrigação moral das instituições", afirmou, sem citar o caso. ●

Campanha teme desgaste e prejuízo para presidente na briga por indecisos

Na visão de aliados de Bolsonaro, a associação com o ato Jefferson pode gerar um novo desgaste por se tratar de uma ação contra policiais

IANDER PORCELLA
BRASÍLIA

A campanha do presidente Jair Bolsonaro (PL) se mobilizou ontem para tentar se desvincular do ex-deputado Roberto Jefferson, que atacou policiais federais com uma granada. A avaliação interna do QG bolsonarista, de acordo com relato feito ao *Estadão/Broadcast*, é de que o episódio pode atrapalhar a busca por votos de eleitores indecisos, a uma semana do segundo turno.

A orientação foi para que o chefe do Executivo se manifestasse o mais rapidamente possível, condenando a ação do ex-deputado contra policiais.

O ministro das Comunicações, Fábio Faria, também agiu para negar que Jefferson fosse um dos articuladores da campanha de Bolsonaro.

JANONES. Diversos opositores do presidente passaram a associá-lo a Jefferson nas redes sociais, mas o que a campanha mais teme é o poder de disseminação de informações do deputado André Janones (Avante-MG), aliado do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que disputa com Bolsonaro o Palácio do Planalto. Não à toa, Faria citou o nome do parlamentar durante uma transmissão ao vivo nas redes sociais com o presidente.

"Como a gente vive desmentindo fake news, presidente, diariamente, é de meia em meia hora... e, agora, mais uma vez, o Janones mente e diz que o Roberto Jefferson era um dos coordenadores da campanha do presidente Bolsonaro.

Aliados se dividem entre Bolsonaro 'empático' ou agressivo

Desde o primeiro turno, a campanha à reeleição do presidente Jair Bolsonaro (PL) vive uma divisão interna. De um lado, o marquês Duda Lima, ligado ao presidente do PL, Valdemar Costa Neto, tenta passar a imagem de um Bolsonaro "empático" e com perfil mais "propositivo" para tentar conquistar o voto dos indecisos. De outro, o vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ), filho do presidente e responsável pelas redes sociais do pai, defende uma estratégia mais agressiva.

Em pesquisas qualitativas encomendadas pela campanha, foi identificado que Bolsonaro afasta eleitores indecisos quando adota uma postura "agressiva", apesar de mobilizar a militância. Por isso, a

tentativa de mostrá-lo mais moderado. No dia 14, o candidato à reeleição chegou a pedir perdão por suas "palavras". Bolsonaro também passou a dizer que "fala palavrão, mas não é ladrão". A campanha ainda aconselhou o presidente a suavizar a retórica contra as urnas eletrônicas.

Nos últimos dias, contudo, uma série de polêmicas tem preocupado o QG bolsonarista e feito com que a campanha precise "apagar incêndios". Antes do episódio com Jefferson, Bolsonaro precisou agir para prometer o aumento real do salário mínimo, das aposentadorias e dos rendimentos do funcionalismo público, após vir à tona uma proposta da equipe econômica para desindexar essas despesas, ou seja, desvinculá-las da inflação.

Adversários passaram a dizer que haveria redução do salário mínimo. ●

Nunca foi coordenador, até porque ele era pré-candidato, teve a candidatura indeferida", disse Faria.

O episódio ocorreu logo depois de a campanha ser obrigada a agir para conter duas crises: a da proposta da equipe econômica de desindexar o salário mínimo e as aposentadorias e a da fala do presidente sobre ter "pintado um clima" com meninas venezuelanas.

DESGASTE. Na visão da campanha, a associação com o episódio de Jefferson pode gerar um novo desgaste por se tratar de uma ação contra policiais, que fazem parte da base eleitoral do presidente. "O tratamento dispensado a quem atira em policial é o de bandido", disse Bolsonaro ao anunciar que prisão de Jefferson havia sido executada.

Jefferson foi substituído como candidato do PTB ao Planalto por Padre Kelmon, que virou uma espécie de "cabo eleitoral" de Bolsonaro, durante os debates no 1.º turno.

O presidente disse que não havia nenhuma foto dele ao lado de Jefferson, mas imagens dos dois juntos, divulgadas pelo PTB em 2019, começaram a circular nas redes sociais. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Política Caderno: A Página: 7, 9 e 10